

1958

O ANO SAGRADO

» CONCEIÇÃO FREITAS

1958 foi o ano em que o Brasil começou a desconfiar que Brasília seria efetivamente construída, que não era apenas um sonho faraônico de Juscelino. Foi o ano em que a nova capital pousou, com força e com vontade, sobre a terra avermelhada do cerrado. Em meados de 1958, o arquiteto Oscar Niemeyer percebeu que não dava para acompanhar as obras da cidade do Rio de Janeiro e se mudou para Brasília. Foi morar numa casa da W3 Sul e trouxe consigo 15 amigos para lhe fazer companhia. 1958 também foi o ano em que um dos mais importantes escritores norte-americanos do século 20, John dos Passos, conheceu as obras da capital, visita que ocupa boa parte do primoroso livro-reportagem, *O Brasil desperta (Brazil on the move)*, publicado no Brasil pela editora Record em 1964 (há em sebo virtual).

Foi em 1958 que foram feitos os mais acentuados deslocamentos de terra no Plano Piloto — para deixar a Esplanada plana, para subir o nível do solo da Praça dos Três Poderes, para construir as duas plataformas da Rodoviária, para fazer o Buraco do Tatu. A oposição se aproveitou da montanha de terra que era levada de um lugar para outro e amplificou suas críticas aos custos excessivos da construção da capital. Lucio Costa abandonou temporariamente o recato e reagiu: “Não se está a fazer em Brasília — escreveu o arquiteto ao presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, Israel Pinheiro — uma capital de província, mas a nova capital de um país que ainda será uma grande nação” (ver íntegra).

Foi em junho de 1958 que Oscar Niemeyer começou a pensar seriamente na ideia de deixar o Rio de Janeiro e vir morar em Brasília, “a fim de exercer fiscalização direta sobre as construções em andamento e dar ao trabalho, inclusive aos novos projetos, o ritmo contínuo e acelerado que somente um regime de tempo integral poderia garantir”. Dois meses depois, o arquiteto estava morando numa casinha da W3 Sul. “Nos primeiros tempos vivi como os demais colegas, numa residência da Fundação da Casa Popular. Era uma casa simples e acolhedora e meu mobiliário se resumia, no quarto, a uma cama, um armário e um caixote, e na sala, a um sofá, uma mesa e quatro cadeiras.”

Fácil não foi, como o próprio Oscar relata em *Minha experiência em Brasília*. “Primeiro nos veio a depressão da mudança, muitos de nós saídos de uma cidade adiantada para aquele imenso sertão.” Somavam-se à solidão sem fim

do cerrado a “nostalgia da distância, a ausência da família e dos amigos, do ambiente em que vivíamos; daí decorrendo problemas, os mais íntimos e irreprimíveis”. Nos dias que antecederam a mudança, em conversa com o escritor John dos Passos o arquiteto demonstrou sua inquietação e o desgosto de ter de ficar longe do neto, filho de sua única filha, Anna Maria, com o arquiteto Carlos Magalhães.

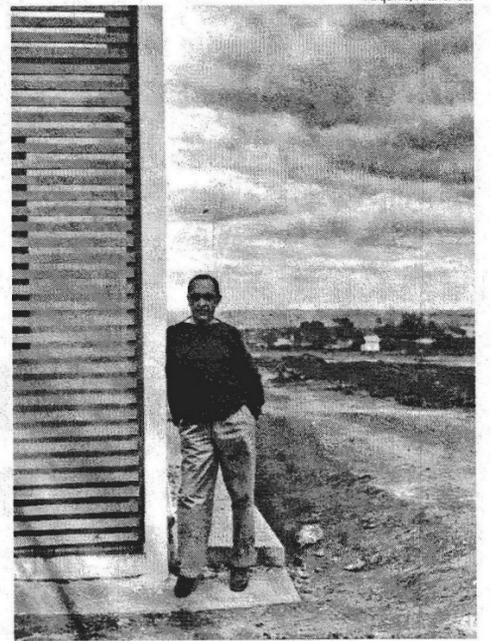
No mesmo agosto, Niemeyer voltou a espantar a arquitetura moderna com um incomparável projeto de Catedral para Brasília. A edição nº 21 da Revista *Brasília* trouxe um resumo explicativo da ideia. A preocupação maior de qualquer esboço de templo religioso é a criação de grandes espaços. O arquiteto brasileiro optou por uma solução compacta “que se apresentasse externamente — de qualquer ângulo — com a mesma pureza”. Explica-se assim a forma circular adotada “que, além de garantir essa característica, oferecia à estrutura uma disposição geométrica, racional e construtiva”. Desse modo, “21 montantes, contidos em uma circunferência de 70 metros de diâmetro, marcam o desenvolvimento da fachada, numa composição e ritmo como de ascensão para o infinito”.

No projeto original, Niemeyer pensou em placas de vidro refratário de cor neutra para assegurar a claridade interna. Só anos mais tarde, ao conhecer a vitralista Marianne Peretti, é que o arquiteto mandou tirar o vidro sem cor para colocar os vitrais coloridos. Os vidros têm a função de manter um ambiente de suave recolhimento no interior da igreja, “no qual as formas do púlpito e do coro se destacam como elementos de escala e composição plástica”.

A entrada em rampa “leva deliberadamente os fiéis a percorrer um espaço de sombra antes de se atingir a nave, o que acentua pelo contraste os efeitos de luz procurados.” Em volta da nave, “rebaixada três metros em relação ao piso do terreno, encontram-se as capelas e ainda as ligações com as salas e serviços anexos à Catedral, e o batistério, localizado, como primitivamente, fora do templo”.

Apesar de a pedra fundamental da Catedral ter sido fincada em 12 de agosto de 1958, a construção foi a mais interrompida e demorada de todas as da Esplanada. As obras só começaram efetivamente em 1959 e pararam logo depois, por falta de verba. Como é um monumento que não pertence ao Estado, mas à Igreja Católica, dependeu de doação de recursos e de campanhas de arrecadação dos fiéis. A sagração (cerimônia que atribui o caráter sagrado da edificação) só ocorreu em 1970.

Niemeyer ao lado da casa da W3 Sul, em 1958, quando se mudou para Brasília: da solidão à boemia



Arquivo/Manchete

BRASILIANAS/1958

19 de janeiro — A paróquia de dom Bosco realiza o primeiro casamento religioso de Brasília. Casam-se Solemar Rodrigues de Paula e Vera Maria Gomes Carneiro, em cerimônia celebrada pelo padre Roque Valiatti Batista

28 de janeiro — O presidente do Museu de Arte Moderna de Nova York, William Burden, visita Brasília e declara: “Simplesmente maravilhoso”

5 de fevereiro — A Novacap recebe a doação de cinco mudas de palmeiras que dom João VI plantou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 1809. Anuncia que seriam plantadas no Palácio da Alvorada, no Aeroporto, na Praça dos Três Poderes, no Jardim Botânico e na casa do futuro prefeito de Brasília

16 de fevereiro — Juscelino passa o Carnaval em Brasília



Terminada a construção das colunas, acabaram os recursos e a Catedral ficou muitos anos reduzida a um esqueleto

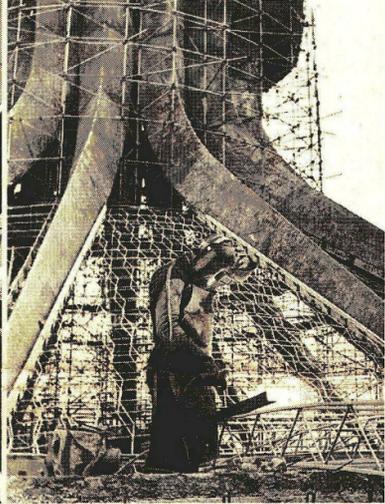
“Seguindo uma tradição da arquitetura religiosa renascentista, sua (da Catedral) planta é circular, de modo a evitar uma fachada principal. O acesso ao seu interior é feito por uma passagem subterrânea, que pode ser entendida como uma representação contemporânea das catacumbas romanas, em uma referência às origens do cristianismo. Os 16 pilares curvos e delgados de concreto aparente e unidos no topo por um anel de compressão — que, além de definir simultaneamente sua vedação e cobertura, são os principais elementos perceptíveis desde a Esplanada dos Ministérios — podem ser interpretados como a coroa de espinhos de Cristo ou o cálice da consagração. A nave principal, seguindo a forma dessa estrutura circular, é um grande espaço livre dominado pela luz que se filtra através de grandes caixilhos de vidro, em uma evidente reinterpretação das catedrais góticas.”

(Guiaarquitetura Brasília, Sylvia Ficher e Geraldo Sá Nogueira, Batista, Empresa das Artes, 2000)

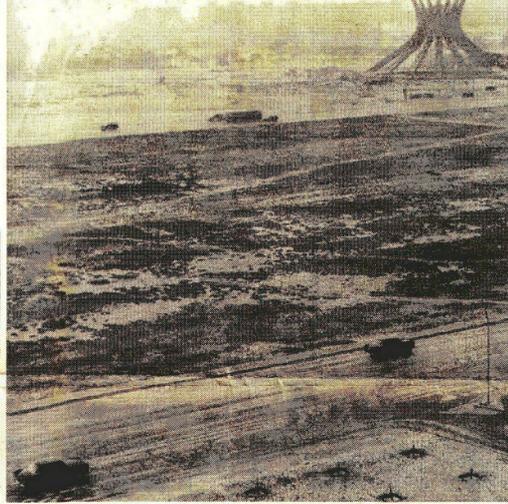
Arquivo/CB/D.A Press



Arquivo/CB/D.A Press



Arquivo/CB/D.A Press



Dos monumentos da Esplanada, a Catedral foi o de construção mais lenta e interrompida. Só em 1970 foi sagrada pela Igreja Católica

Do idealismo à amargura

O nome soa estranho aos brasileiros — John dos Passos. Neto de portugueses, nascido em Chicago (1896/1970), o escritor está na lista dos mais importantes da literatura norte-americana do século 20. O filósofo Jean-Paul Sartre o considerava o maior contista de sua geração. Boa parte de sua obra retrata os Estados Unidos em sua face nada ufanista. A trilogia *USA* descreve uma América dominada por gângsteres e sindicatos corruptos. John dos Passos esteve no Brasil por três vezes, em 1948, em 1958 e 1962. Na primeira, acompanhou o engenheiro Bernardo Sayão na formação da Colônia Agrícola de Ceres (GO). Na segunda e na terceira, visitou Brasília. Em seu livro-reportagem *O Brasil desperta*, Dos Passos descreve a construção da nova capital e como ela estava dois anos depois de ser inaugurada. A obra foi publicada pela Editora Record, que à época pertencia a Carlos Lacerda, um dos mais incansáveis adversários de Brasília. O jovem idealista que combateu na 1ª Guerra Mundial defendeu ideais de esquerda, mas ao fim da vida havia se transformado num conservador ultradireitista.

Reprodução da internet



» Ruínas Imaginárias

Se as obras de Brasília tivessem parado no fim de 1958, como apostava a oposição, seriam estas as ruínas da nova capital: Eixo Monumental quase todo asfaltado, Eixo Rodoviário Sul aberto, 500 casas na W3 Sul, na altura da hoje 708/709, concluídas, blocos de apartamentos surgindo em diversas superquadras Sul, Palácio da Alvorada, Brasília Palace Hotel e Igreja Inaugurada; obras da Barragem do Paranoá em fase de construção do canal de desvio; cúpula do Senado pronta, três estruturas de ministérios já montadas, Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal em fase de fundação e 15 casas do Lago Sul prontas e habitadas.

www.correiobraziliense.com.br



Acompanhe no hotsite mapas, filmes, fotos e textos que contam a história das obras de Brasília construídas até a inauguração.

O Brasil desperta (Brazil on the move)

JOHN DOS PASSOS

1958

OS LOUCOS DO PLANALTO

“É um doido — resmungou Israel Pinheiro carinhosamente, quando lhe fiz a primeira pergunta a respeito de seu amigo, o construtor de estradas (Bernardo Sayão). Estávamos no Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, na manhã de pérola de um domingo de agosto em 1958, à espera do avião que nos levaria a Brasília. — Sem dúvida alguma, não regula bem.

O Dr. Israel, como todo o mundo lhe chama, é um esquisito homem esguio e grisalho, com um rosto comprido e rude, e um queixo forte sob o bigode grisalho aparado. A sua maneira azeda costuma ser atenuada pela expressão do rosto e pelo jeito súbito de mostrar os dentes compridos num sorriso meio amarelho para acentuar uma pilhéria. Eu também sou maluco. E Kubitschek não é menos, — disse ele, procurando rir. — É por isso que nos entendemos tão bem. Só loucos poderiam levar a cabo um projeto desses.”

“Enquanto o Dr. Israel nos guiava através da futura cidade, tínhamos dificuldade em distinguir o que havia realmente do que ia haver. Era como se estivéssemos visitando Pompéia ou Monte Alban, mas às avessas. Em vez de imaginar o que ali havia dois mil anos antes, ficávamos a imaginar o que ali haveria daí a dez anos.”

(...)

“Do palácio, seguimos de automóvel para o que corresponde em Washington à Colina do Capitólio, a Praça dos Três Poderes, como é chamada. Havia um enorme espaço aberto. Escavadeiras desmontava os morros de barro vermelho. As perfuratrizes, como sacarrrolhas gigantes, penetravam o solo para a colocação de fundações. Ali se levantariam as salas circulares do Senado e da Câmara e dois edifícios de aço e vidro em forma de cartola para as repartições das duas casas. Esses edifícios seriam contrabalançados por um edifício para o Supremo Tribunal e outro para o Palácio dos Despachos. Daí uma larga avenida se estenderia com muitas estradas laterais por entre filas de ministérios até o centro da cidade onde ficariam os bancos, os hotéis, os teatros e as grandes lojas.”

UM ESCULTOR DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

“Niemeyer continua a ser o centro de um turbilhão de discussões no Brasil.

Quando o conheci no seu escritório de trabalho no Rio, o que primeiro me impressionou nele foi a timidez. Um homem pequeno e reservado, de rosto redondo e olhos desconfiados. A filha casada já lhe deu um neto. Como muitos outros brasileiros, parecia mais moço do que era, mas já devia ter seus cinquenta anos.

Quando lhe fazem uma pergunta, ele pode responder exatamente como o faria um inglês. Numa nação de gente loquaz, parece notavelmente parco de palavras. Foi só depois de estar falando já durante algum tempo com ele, que comeci a notar que tinha uma espécie de segurança fundamental, como a de um pedreiro. Havia a afirmação direta de um artesão na maneira pela qual fazia uso das mãos. Quando falava, o que dizia parecia vir diretamente do coração. Era completamente sem rodeios.”

(...)

“A sua vida particular é a de qualquer brasileiro da classe média. É um pouco tarde em relação a muitas coisas práticas. Como os parisienses e os nova-iorquinos, os cariocas não podem conceber a vida em outro lugar que não seja a sua cidade esplendidamente situada e repleta. Niemeyer tem o horror a viagens do carioca típico. Nos seus últimos dias de Rio, parecia estar pensando mais em quanto lhe era duro deixar a família e a bela residência que construiu para seu uso na montanha, dominando um dos mais belos trechos da costa do Rio, do que nas magníficas oportunidades que a construção de Brasília ofereceria a um arquiteto. Afirmava quanto lhe seria difícil deixar de ver o neto diariamente. Tem horror a aviões. A distância de mais de mil quilômetros entre o Rio e Brasília exigirá uma viagem de carro penosa até estar concluída a nova estrada. Uma vez que ele se desprenda do Rio e se instale em Brasília, espera lá ficar dois anos inteiros. Perguntou-me ansiosamente se eu achava que ele iria sentir-se muito sozinho lá.”

1962

MOLDURA PARA UMA FUTURA CIDADE

“As visões que se tem, quando o avião se inclina de lado para pousar, de construções de vidro e cimento espalhados como uma feira mundial inacabada na crista vermelha entre os dois braços do lago, são terrivelmente contemporâneas. Lembramo-nos da anedota em circulação de um astronauta russo que chegou em visita a Brasília e exclamou ao aterrisar: “Não esperava chegar a Marte tão depressa. (O russo deve se referir a Yuri Gagarin).”

(...)

“Tr a pé do hotel (Nacional) à estação rodoviária é uma batalha. Se constaram dos planos caminhos para pedestres, não foram feitos ainda. É evidente que não há sinais de tráfego. É preciso esperar uma abertura no tráfego e atravessar da melhor maneira possível as largas pistas curvas. Dizem que muitos pedestres já perdem a vida a caminho da estação rodoviária.”

(...)

“O edifício do Congresso parece-me ser em si mesmo um assinalado fracasso. O interior é exíguo e mal planejado para o fim a que se destina. No exterior, há uma frívola feitura difícil de explicar num homem que mostra nas suas plantas tão grande talento para os efeitos da escultura. Jefferson costumava dizer que a arquitetura era a mais importante das artes “porque revelava muita coisa”. É possível que a planta do edifício do Congresso seja a expressão do desprezo de um intrasigente comunista pela democracia representativa.”

“A catedral de Niemeyer, enorme coroa de concreto protendido, está inacabada. A planta prevê que os espaços entre as elevadas pilastras sejam preenchidos com vidro. Como está, é impressionante. E deixa-nos a dúvida de que algum dia se chegue a completá-la.”

(...)

“Contudo, mesmo depois de emiucar todas as objeções, não se pode deixar de reconhecer que os planejadores de Brasília criaram magnífica moldura para uma cidade. As longas ruas retas, os vastos espaços vazios entre os edifícios brancos são estimulantes. É uma cidade para a era automotriz, para a era dos jatos e dos helicópteros. Os seus amplos espaços se adaptam às vastas cristas lisas e áridas da paisagem do planalto.”

9 de março — A soprano Diva Pieranti, namorada do engenheiro Pery da Rocha França, apresenta o primeiro concerto de música de câmara de Brasília

31 de maio — Juscelino inaugura a Rádio Nacional em Brasília

28 de junho — Inauguração da Igreja Inaugurada

29 de junho — Juscelino acompanha o Hotel de Turismo (o Brasília Palace Hotel) a transmissão, via rádio, do jogo Brasil x Suécia pela Copa de 1958

30 de junho — Juscelino inaugura o Palácio da Alvorada e a Avenida das Nações

8 de julho — A bailarina Margot Fonteyn e seu marido, o embaixador da República Dominicana em Londres, Roberto Arias, visitam Brasília

6 de agosto — O secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, visita Brasília

19 de agosto — O escritor Aldous Huxley vem conhecer as obras da nova capital

31 de agosto — Juscelino inaugura 500 unidades da Fundação da Casa Popular na W3 Sul

(A visita do escritor John dos Passos à nova capital, em agosto de 1958, não mereceu registro do *Diário de Brasília*)

12 de agosto — Lançada a pedra fundamental da Catedral

23 de outubro — O botânico Augusto Ruschi inicia, na Granja do Torto, a criação e a fixação de beija-flores em Brasília. E constata que existiam, na cidade, à época, 22 espécies de beija-flores troquílides

25 de outubro — Chega a Brasília o paisagista japonês Yoichi Aikawa, contratado pela Novacap para projetar os jardins da cidade

22 de dezembro — Lançada a pedra fundamental do edifício-sede do Banco do Brasil

31 de dezembro — Em mensagem de fim de ano aos brasileiros, Juscelino declara: “Quero dizer-vos que nenhuma força humana deterá Brasília. Ela já se vislumbra, configurada e em pleno processo de construção. E com Brasília também se levanta uma vasta área de nosso país, que se desencantou, enfim, deixando de ser uma longínqua referência nos mapas”

LEITURAS

- » *Diário de Brasília*, 1958, Serviço de Documentação da Presidência da República, 1960
- » *Guiaarquitetura Brasília*, Sylvia Ficher e Geraldo Sá Nogueira Batista, Empresa das Artes, 2000
- » *Minha experiência em Brasília*, Oscar Niemeyer, Editorial Vitória, 1961
- » *O Brasil desperta*, John dos Passos, Record, 1963
- » *Oscar Niemeyer: de vidro a concreto*, Frederico de Holanda, FRBH, Brasília, 2011
- » *Revista Brasília*, número 21, setembro de 1958, Novacap
- » *Revista Manchete*, edição de 13 de setembro de 1958

AGRADECIMENTOS

» DA Press

» LEIA NA EDIÇÃO DE 3 DE DEZEMBRO DE 2011 — Como se faz um lago artificial para uma cidade moderna